

Reflexões sobre a tradição discursiva no atual panorama de pesquisa e historiografia do Cinema Novo

Juliano Rodrigues Pimentel*

Resumo

Neste estudo, reflete-se sobre a tradição discursiva na historiografia do Cinema Novo brasileiro. Busca-se averiguar e relatar as considerações que surgem ao se colocar lado a lado uma reflexão teórica sobre o lugar da tradição discursiva no campo da historiografia e, de outro, o atual panorama de pesquisa em Cinema Novo produzida pelos corpos discentes dos Programas de Pós-Graduação de cinco universidades federais brasileiras, baseando-se em uma análise quantitativa bibliométrica. A fundamentação teórica que guia o estudo passa por autores dos Estudos Culturais (Giddens, Hall), perspectivas críticas dos discursos históricos (Derrida, Ferro, Murphey, Iggers) e saberes da ciência da informação (Caregnato e Mutti, Araújo, Stumpf e Branco, Yu e Ding). A justificativa encontrada foi a ausência de uma revisão dos dados sobre pesquisa em Cinema Novo em teses e dissertações no atual estado da arte. A conclusão do estudo aponta para uma hegemonia referencial e uma tradição discursiva sobre o tema. Essa afirmação se organiza ao redor de quatro autores encontrados, referenciados numa proporção muito maior do que as demais fontes historiográficas.

Palavras-chave: *Historiografia. Cinema Novo brasileiro. Existencialismo. Tradição discursiva.*

* Roteirista formado pela Unisinos. Doutorando do PPGCOM/UFRGS com projeto em História do Cinema Brasileiro. Pesquisador do LIS-PROAV, grupo de pesquisa em audiovisual da UFRGS.

Introdução

O historiador Nowell-Smith (1997) comenta que o cinema é o maior mistério não resolvido entre a arte e a indústria. Para ele, historiografar esse “fenômeno mágico das imagens em movimento”¹, seu percurso e evolução, é uma tarefa que só pode ser atingida ao se contemplar o fato de que a própria existência do cinema demanda da arte e da indústria um esforço muito particular não encontrado em nenhuma outra manifestação artística. Em uma perspectiva complementar, Bordwell e Thompson (2012) propõem que a historiografia do cinema, ao considerar a influência social e cultural sobre os filmes realizados, é capaz de recontar para as pessoas, em diferentes, épocas, os traços da sociedade que possibilitou cada filme. Ainda, os autores lançam a hipótese de que talvez não exista uma história do cinema, mas *histórias* sobre cinema. Essa hipótese se caracteriza pela grande diversidade de evidências estéticas, nacionalidades e técnicas que, se contempladas por diferentes lados, levam os historiadores a diferentes conclusões sobre a própria história do cinema.

Com a história do cinema brasileiro e, no caso deste artigo em particular, do Cinema Novo², não é diferente. Silva e Pellenz (2007, p. 5) observam que para se pensar o CN é preciso compreender sua experimentação “a partir dos modelos vigentes à sua época”, e esse exercício está imbricado por relações micropolíticas com a cultura, transgressões e experimentações estéticas. Mantendo essas considerações no horizonte e olhando para a pesquisa e historiografia do cinema brasileiro, considera-se o seguinte questionamento: ao colocar, de um lado, uma reflexão sobre historiografia e hegemonia, e, de outro, um olhar sobre o campo de estudos da história do CN brasileiro, que considerações podem ser inferidas sobre uma tradição discursiva historiográfica?

Os objetivos traçados para construir uma resposta para essa pergunta são: a) apresentar uma reflexão sobre características ontológicas da historiografia, sedimentação de Sentidos, perspectivas e fontes; b) apresentar um ponto de vista sobre a pesquisa em CN por meio de dados bibliométricos que contemplam as referências historiográficas; c) apontar considerações sobre hegemonia e tradição discursiva, sustentadas pelos dados coletados.

O primeiro objetivo é atravessado por um choque entre, de um lado, algumas perspectivas dos Estudos Culturais nas vozes de Escosteguy (2001), Giddens (1990), Hall e Maharaj (1999) e Hall (2006) e, de

1 Uma alusão à recorrente descrição do período do primeiro cinema. (Cf. BORDWELL; THOMPSON, 2012)

2 Doravante também referido como CN.

outro, a arguição para não perenidade dos Significados e discursos trabalhada por Derrida (1998). Ao tratar da historiografia, são referenciados textos de impacto na área como os de Ferro (1984), Iggers, Wang e Mukherjee (2013), Murphey (2009) e Pataut (2009).

Com a intenção de entender como as fontes historiográficas do CN aparecem na produção discente de pós-graduação, introduz-se, com o segundo objetivo, um panorama bibliométrico contemplando a existência de trabalhos em cinco universidades federais, uma de cada região do país. O critério de seleção utilizado para a escolha das universidades foi a nota mais alta por região no quesito “Produção Intelectual” na avaliação trienal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (Capes) para o grupo de Ciências Sociais Aplicadas I (BRASIL, 2013). As entidades de ensino elencadas foram: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), região Sul; Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Sudeste; Universidade de Brasília (UnB), Centro-Oeste; Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)³, Nordeste; e Universidade Federal do Pará (UFPA), Região Norte. Diante do número total de universidades federais, que ao fim do primeiro semestre de 2015 foi de 63, uma amostragem de apenas 5 universidades corresponde apenas a aproximados 8% do todo. Entretanto, mesmo na sua condição de parcela pequena de amostragem, percebeu-se um panorama geral da pesquisa com indicadores e dados que trazem novas perspectivas para o campo, tais como a densidade de incidência de determinadas fontes e os dados quantitativos de produção acadêmica que tocam a historiografia do cinema. A ancoragem teórica dessa parte da reflexão é elaborada com o apoio de noções de ciência da informação, métrica de citação e bibliometria trazidos por Caregnato e Mutti (2006), Araújo (2011), Stumpf e Branco (2010), Yu e Ding (2014).

Por sua vez, o terceiro objetivo se organiza ao redor de reflexões sobre os dados coletados e cruzamentos com os apontamentos teóricos trazidos. As inferências elaboradas consideram questões como os *lugares de fala* das produções acadêmicas, modelagem político-ideológica da hegemonia discursiva e concepção de uma tradição historiográfica particular do CN.

Neste texto, contribui-se para revisar/atualizar as perspectivas históricas do cinema brasileiro, averiguando a existência de um olhar hegemônico incapaz de (re)construir um momento histórico com maior riqueza de relevos e detalhes. O que motiva e justifica investigar a produção circunscrita nas universidades federais é o fato de que tanto a

3 É importante notar que a Universidade Federal da Bahia (UFBA) possui uma nota superior, porém sua base de dados de teses e dissertações encontrou-se fora do ar durante a elaboração deste artigo, final do primeiro semestre de 2015 e início do segundo semestre de 2015.

produção fílmica nacional quanto a produção teórica, ambas em número bastante significativo do montante total, são financiadas por incentivo do governo federal, de um lado via Agência Nacional de Cinema (Ancine) e de outro, via Ministério da Educação (MEC). Buscou-se, também, justificativa na ausência de um estudo panorâmico da produção científica e historiográfica do cinema nacional. Há ainda, nessa reflexão, uma tentativa de contribuir para a disseminação do conhecimento e popularização dos aspectos historiográficos da cultura brasileira.

Tradição discursiva: perspectivas teóricas e historiográficas

Ao propor uma cartografia historiográfica dos estudos culturais, Escosteguy (2001) sublinha o surgimento de estudos e pesquisas de autores fundantes do tema, como Hoggart, Williams, Thompson e Hall, no final da década de 1950 e com reflexos até os dias de hoje. Ainda, segundo a autora, as percepções desses autores possibilitaram uma visão da cultura como algo não homogêneo e não passivo, mas plural e minado de intervenções ativas. Embora não se configure como uma disciplina (ESCOSTEGUY, 2001), os Estudos Culturais agregam esforços teóricos de diversas disciplinas que se interseccionam no mapeamento de aspectos da sociedade, relações de poder e questões sócio-históricas. Os resultados desse tipo de atividade enriquecem nossas perspectivas sobre aquilo que integra uma Cultura e têm inúmeros outros usos dentro e fora da academia.

Seguindo a herança dos Estudos Culturais, percebe-se que um dos olhares possíveis sobre os discursos acadêmicos preocupados com a análise da Cultura se organizam ao redor de um esforço em desvelar a organização de um fenômeno, produto, processo ou um consumo. Esse tipo de atividade resulta na construção de uma leitura capaz de nos orientar na percepção de:

- a) estruturas de significação;
- b) códigos utilizados e implementados;
- c) considerações de relação de poder e influência ideológica;
- d) reflexões sobre como nos apropriamos de dados objetos.

Mesmo a menos sistemática revisão bibliográfica pode construir o vasto quadro teórico de propostas analíticas que tocam esses quatro pontos levantados. Trata-se de estudos filosóficos, historiográficos e críticos, que, ao repetirem metodologias, abstração de sentidos, teias de relações, rede de citações e fontes, acabam legitimando uma unidade de

visão sobre algo (O'BRIEN, 2006). Dessa maneira, estabelece-se uma tradição discursiva sobre um objeto. Embora esse tipo de atividade seja de grande valor para a sistematização do conhecimento e disseminação da informação, ele traz consigo um problema: uma historiografia circunscrita por um grupo pequeno de fontes, que pode mudar conforme a ideologia vigente, mas sempre se organiza como um grupo restrito (FERRO, 1984). O que se pode entender com isso é a ocorrência de um olhar tradicional(izado), hegemônico e que, talvez, não se dê conta da potencialidade expressa por um objeto cultural ou mesmo da sua perspectiva histórica.

O filósofo da historiografia Pataut, no texto *O antirrealismo do passado*⁴ (PATAUT, 2009), comenta que é muito comum aparecer no discurso histórico um valor simbólico de realismo sobre o passado. Essa valoração simbólica-realista tenta descrever o mundo por meio de uma posição atemporal, que, para o autor, gera um espécie de ponto de vista epistemológico que parte de um exílio cósmico. Entretanto, Pataut critica esta posição ao afirmar que a relevância sobre as afirmações discursivas do passado precisam refletir-se em evidências cuja relevância não foi abalada pela própria evolução do pensamento humano. De modo complementar, Ferro, historiador e crítico da historiografia comenta, na conclusão de sua obra *Use and abuse of history and how the past is taught* (FERRO, 1984), que através de todas as épocas e culturas a história se ramifica por diferentes centros com suas próprias idiossincrasias, formas, normas e demandas. Nesses diferentes centros, para ele, há uma tradição, ou institucionalização da história, que ocorre por relação de dominância e, ao expressar a história pautada por uma política ou ideologia dominante, possibilitando, assim, sempre mudar seus referenciais e pontos de vista e hierarquia de fontes. Em hipótese, a legitimação e repetição dos discursos históricos e suas fontes podem acarretar em uma tradição⁵ de dupla perspectiva:

- a) contar, e/ou privilegiar, um determinado grupo de fatos;
- b) perpetuar uma forma de se referenciar a um grupo de fatos.

Atentando para uma imersão nessa perspectiva, pode-se aproximá-la da fala de Giddens (1990, p. 38), que aponta:

A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes.

4 Tradução do autor, no original: *Anti-realism about the past*, obra não traduzida para o português até o fim da elaboração deste artigo.

5 Observando seu conceito como: um padrão de pensamento ou ação herdado e relacionado a um grupo de práticas (definição pessoal composta em síntese de dicionários das línguas portuguesa, inglesa e alemã).

Assim, inerente ao pensamento historiográfico e à sua possível matiz de “reocorrência”, surgem questões como: A serviço de quem um discurso histórico está atrelado? Como a natureza pública dos eventos se organiza na autoralidade e intenção do relato? Como a ponderação ética pode ajudar a refinar uma noção de fidelidade de um panorama e uma descrição? Como o relato, discurso amparado por uma coleção de fontes, e a própria escolha das palavras dá conta das potencialidades latentes do objeto que observa?

Diante desse recorte, uma atitude cética em relação à historiografia talvez seja salutar. Essa impressão, que nasce de maneira intuitiva, subjetiva e pessoal, parece ganhar sustentação e talvez certo grau de legitimidade, ao se observar os conjuntos inumeráveis de “propostas históricas” e colocá-las sob o escrutínio do texto *Estrutura, signo e jogo no discurso das ciências humanas*, de Derrida, uma fala apresentada na Johns Hopkins University, em 1966, e depois publicada como parte do livro *Escrita e diferença* no ano posterior. Esse ceticismo, à luz de Derrida, organiza-se como uma perspectiva crítica em relação à dominância e à tradição de determinados discursos históricos simbolicamente “tomados” como totalizantes.

Embora sua reflexão parta de uma crítica ao estruturalismo lógico e a dominância de uma valoração de verdade imanente ao discurso versado em linguagem, Derrida (1998) comenta, logo no segundo parágrafo de sua fala transcrita, que certos discursos históricos são colocados em uma situação privilegiada-central e vinculados arbitrariamente a um ponto de presença. Adiante, o autor comenta:

Efetivamente, o que parece mais sedutor nesta pesquisa crítica de um novo estatuto é o abandono declarado de toda referência a um centro, a um sujeito, a uma referência privilegiada, a uma origem ou a uma *arquia* absoluta. (DERRIDA, 1998, p. 243)

Egée-Kuehne (2005), no artigo *Right to humanities: of faith and the new humanities*⁶, vê a leitura da crítica derrideana como uma maneira de questionar o impacto de determinadas inferências dos discursos historiográficos e sistematiza o olhar de Derrida como uma reavaliação da possibilidade de fixação do sentido como a parte mais vulnerável tanto dos sistemas filosóficos quanto das perspectivas históricas. O Significado transcendente pelo qual Saussure procura, ainda segundo Derrida, é nada além de elusivo e, assim, inatingível. Ele é sempre corrompido pela sua *substitutibilidade* e condições circunstanciais. Contemplar uma

6 Ainda sem tradução para o português, mas em tradução nossa: *Direito às humanidades: da fé e as novas humanidades*.

verdade por meio de sua tradição histórica e discursiva, tomando-a como perene, é um exercício em miopia. Se a produção de sentido está relacionada com a leitura de um signo (ou conjunto) em seu contexto, só pode ser extraído de tal signo o sentido fixado pelo contexto de quem o lê. A crítica que surge aqui em relação à historiografia é que ela não pode pautar sua legitimidade por si mesma.

É possível contender que tais inconsistências do *logos* para Derrida possam estar equiparadas, em termos de ramificação de sentidos e perspectivas, às discontinuidades da modernidade apontadas por Giddens (1990, p. 11), que, em suas próprias palavras, aponta que “a história não tem a forma ‘totalizada’ que lhe é atribuída por suas concepções evolucionárias” e, logo adiante no mesmo parágrafo: “Desconstruir o evolucionismo social significa aceitar que a história não pode ser vista como uma unidade, ou como refletindo certos princípios unificadores de organização e transformação”.

Em complemento à proposta de Giddens (1990), Hall (1977) pode ajudar a construir um entendimento da tradição discursiva historiográfica como uma implicação hegemônica. O termo “hegemonia” surge como algo muito caro para os estudos da política, da ideologia e da cultura. De modo geral, é utilizado para descrever um efeito e um processo de dominação pelo qual um grupo ou classe ganha um lugar de imposição sobre outra, gerando, assim, uma relação de subordinação. Para Hall (1977), o que caracteriza a hegemonia de algo é a sua qualidade espontânea, a opacidade de suas premissas e engrenagens e sua inserção nas lógicas do senso comum e esquemas centralizadores de produção de sentido.

Diferentemente de Derrida, então, Hall propõe que a hegemonia de uma cultura (*ergo* de uma determinada tradição discursiva) não se dá por uma coerção ou imposição dogmática, mas por duas vias *falsamente* inclusivas de outras perspectivas:

a) pela limitação de opções sugeridas pela ideologia vigente, isto é, embora se reconheça a existência de outras visões e culturas seu acesso se restringe ao que é mediado por uma cultura dominante;

b) por um processo de negociação em que aquilo que é entendido como “hegemônico” coopta elementos identitários de outras culturas para facilitar a assimilação de uma proposta maior, mas não inclusiva.

Essas duas vias, trazidas aqui por entendimentos dos textos de Hall e Maharaj (1999), *Annotations: modernity and difference* n. 6, e Hall (2006), *A identidade cultural na pós-modernidade*, ajudam a explorar a ideia de uma cultura como distante de uma estrutura homogênea, mas que

direciona a leitura dos possíveis sentidos de seus produtos e processos em uma direção que vai ao encontro da manutenção da cultura vigente, embora, de maneira marginal, ainda não domesticada pela tradição ou hegemonia, existam questões contraculturais coabitando com a hegemonia.

Mesmo na ausência de um sentido logocêntrico, pode-se perceber a possibilidade de um discurso mais ocorrente e impositivo que outros. Há uma lógica por trás desta afirmação: só existe uma possibilidade de hegemonia se existe uma contraparte não hegemônica. Para que um discurso seja hegemônico é preciso que ele vença uma concorrência com outros discursos. Isso, para Hall, ocorre muito em razão de uma imposição ideológica vertical, proposta partindo de uma estrutura de maior poder simbólico e político até sua outra ponta, na qual há pouca capacidade crítica da condição ideológica na recepção do discurso ou pouca influência do discurso que se opõe ao que está na posição hegemônica. O Sentido que está na posição hegemônica goza de uma caracterização particular de valor de verdade, enquanto o que está na posição contra-hegemônica sustenta sua caracterização como verdade por uma minoria de usos (normalmente vinculada a um grupo social/político) e ocorrências em *locus* discursivos especiais em que não se concebe, totalmente ou parcialmente, a legitimidade de um discurso hegemônico.

Embora as metodologias para esse tipo de averiguação sejam limitadas, é possível observar (com análises de conteúdo e de discurso) a predominância de certos discursos, por meio de que atributos eles são categorizados e descritos, quais sentidos são atribuídos a eles e como se dá sua teia de relações. Já por um viés bibliométrico é possível observar as quantidades e ocorrências de tipos e fontes discursivas e como elas se organizam como uma perspectiva dominante sobre um assunto. A sessão seguinte do estudo vai na direção da investigação bibliométrica para melhor compreender as possibilidades de hegemonia nos discursos historiográficos.

Cinema Novo em números: dados do campo para considerações historiográficas

Ao abordar a questão da divulgação científica, Targino (2000) comenta que há um embate recorrente entre demandas sociais e os diferentes impactos e necessidades da ciência. Esse conflito gera novas respostas para problemas e crises sociais recorrentes dos quais o próprio avanço da ciência é fruto. Dessa maneira, num jogo de avanço e recuo, instituem-se e são reconsideradas as teorias que dão maior grau de relevo para o conjunto de maneiras possíveis de perceber a humanidade. Nessa perspectiva, a autora sublinha que é preciso visitar e atualizar as

perspectivas que se colocam como absolutas e autossuficientes. Num esforço complementar ao de Targino (2000), Vanti (2002), propõe que uma das contribuições valiosas para a revisão do conhecimento está na avaliação quantitativa e qualitativa que os saberes da infometria podem propor. A pesquisadora lista inúmeras funcionalidades para a bibliometria, ou análise infométrica, e, nesse espírito de revisão-crítica do que já foi pensado, sobressaem usos como “identificar as tendências e o crescimento do conhecimento em uma área”, “prever as tendências de publicação”, “estudar a dispersão e a obsolescência da literatura científica”, e “analisar os processos de citação e cocitação”. Stumpf e Branco (2010) corroboram tais ideias ao comentar que a análise da divulgação do conhecimento em publicações científicas pode ser uma ferramenta válida para traçar as trajetórias do saber e a dinâmica de comunicabilidade das inferências e achados.

Assim, um panorama bibliométrico da pesquisa e historiografia do cinema brasileiro, em particular do CN, pode nos ajudar a compreender as idiossincrasias da própria historiografia numa perspectiva horizontal, capaz de descrever com maior riqueza de detalhes suas fontes e seus discursos tradicionais/tradicionalizados – e talvez até desconstruir dada tradição. Essa afirmativa parece ir ao encontro do que Araújo (2011, p. 150) propõe como objetivo final de toda e qualquer investigação científica: “Poder evidenciar fatos que estão correlacionados numa visão mais geral do que apenas explicando um fato isolado; podendo provar suposições levantadas”. Há uma hipótese aqui também de que a recorrência de citações e fontes, como estabelece Macias-Chapula (1998), gera crédito e reconhecimento na ciência, mesmo na discordância com as proposições, algo que está emaranhado na dinâmica de valores simbólicos da estruturação do campo.

Tentando compreender as dinâmicas bibliométricas da pesquisa sobre o CN, é possível perceber, mesmo que por fragmentos geográficos, como se organiza esse subcampo de estudo, como se dão suas filiações teóricas, densidade e diversidade de fontes. A coleta de dados se restringiu aos bancos digitais de teses e dissertações das universidades envolvidas, e o descritor de busca foi a expressão “Cinema Novo”. Essa escolha se deu por uma lógica de vínculo de um dado material a seu descritor, assumindo que a escolha da autora, autor e/ou grupo de autores por uma palavra-chave pode influenciar, estabelecer e legitimar o vínculo de seu trabalho com um nicho de pesquisa (YU; DING, 2014).

Os dados tabulados são apresentados da seguinte maneira: notas gerais; tabela de fontes e trabalhos em cada universidade; tabela de fontes sobre CN em cada trabalho em cada universidade; tabela de autores mais citados por universidade; tabela de obras mais citadas por universidade.

De modo geral, a coleta de dados não pode ser descrita como uma

tarefas simples. Foram encontradas muitas dificuldades com a *usabilidade* dos sistemas de busca, ferramentas de refinamento e estabilidade dos servidores das universidades. Não foi possível detectar um padrão nos campos de busca e opções avançadas; cada base de dados apresentou, num primeiro momento, uma necessidade de aprendizado de seu funcionamento, sendo o mais fácil (rápido dimensionamento dos resultados e sua leitura) o da UFMG, seguido pelo da UNB, da UFPA, da UFRN e da UFSM.

A primeira tabela apresenta o número de trabalhos encontrados em cada universidade, a filiação de sua produção a um programa de pós-graduação e o número de fontes sobre a história do CN utilizadas nos trabalhos. A segunda e a terceira tabelas são uma expansão da primeira: nelas são apresentados a autoria e título dos trabalhos e o número de fontes em utilizadas em cada um deles. A quarta tabela informa os autores mais citados em cada universidade, o número de trabalhos em que aparecem e com qual ocorrência. Por ocorrência entende-se a referência a determinada obra de uma dada autoria. Por fim, a quinta e última tabela apresenta as obras mais referenciadas em cada universidade, seus autores e sua ocorrência.

A seguir, seguem as tabelas com os dados encontrados. No total, foram encontradas seis dissertações de mestrado, quatro na UFMG, duas na UNB e nenhuma na UFSM, UFRN e UFPA. Também não foi encontrada nenhuma tese de doutorado sobre o tema nas bases das cinco universidades pesquisadas.

TABELA 1

Trabalhos encontrados, filiação acadêmica e número de fontes historiográficas do CN

Universidade	PPG	Trabalhos	Nº de fontes
UFSM	-	Zero	Zero
UFMG	Artes História Letras (2)	4 dissertações	48
UNB	Teoria literária e literaturas História	2 dissertações	27
UFRN	-	Zero	Zero
UFPA	-	Zero	Zero

Fonte: Elaborada pelo autor com dados coletados na pesquisa.

Na TAB. 1, mostra-se o panorama geral encontrado. Chama a atenção o fato de que em cinco universidades apenas em duas foi desenvolvida alguma pesquisa por parte do corpo discente, em forma de dissertação e tese, sobre o tema do CN brasileiro. Outra questão a ser sublinhada é o fato de que em nenhum dos casos encontrados foi detectada uma filiação a um programa de pós-graduação em Comunicação, um campo historicamente caracterizado como lugar de fala das investigações sobre cinema e audiovisual.

TABELA 2

Descrição detalhada por autoria, título do trabalho e número de fontes usadas na UFMG

PPG	Autoria (ano)	Título	Nº de fontes
Artes	Adriane Maria Puresa Fonseca (2012)	Os errantes do cinema marginal	7
História	Luis Fernando Amâncio Santos (2012)	Ação, logo, cinema: o engajamento político do movimento de Cinema Novo a partir de sua produção escrita e do filme "Garrincha, alegria do povo" (1963)	19
Letras: Estudos literários	Pablo Alexandre Gobira de Souza-Ricardo (2007)	Utopia selvagem, de Darcy Ribeiro e A Idade da Terra, de Glauber Rocha: o visível, as vozes e a antropofagia	8
Letras: Estudos literários	Roberta Ellen Canuto (2006)	O Bandido da Luz Vermelha: por um cinema sem limite	14

Fonte: Elaborada pelo autor com dados coletados na pesquisa.

TABELA 3

Descrição detalhada por autoria, título do trabalho e número de fontes usadas na UnB

PPG	Autoria (ano)	Trabalhos	Nº de fontes
História	Salatiel Ribeiro Gomes (2010)	História e cinema: sertão e redenção em Deus e o Diabo na Terra do Sol	11
Letras: teoria literária e Literaturas	Adeilton Lima da Silva (2007)	A estética teatral no cinema de Glauber Rocha (Artaud e Brecht)	16

Fonte: Elaborada pelo autor com dados coletados na pesquisa.

Nas TAB. 2 e 3, foi possível perceber termos nos títulos dos trabalhos que os remetem ao “universo” do cinema marginal, um movimento concomitante, ou integrante ou não, do CN (não há consenso na discussão teórica). Também é notável o fato de que três dos sete trabalhos referenciam o cineasta Glauber Rocha.

TABELA 4
Dados de maior ocorrência⁷ de autores
por universidade

Universidade	Autores	Ocorrência	Nº de Trabalhos
UFMG	Ismail Xavier	10	3
	Glauber Rocha	7	4
	Jean-Claude Bernardet	5	3
	Fernão Ramos	5	3
	Raquel Gerber	3	1
	Jorge Schwartz	2	2
	Rogério Sganzerla	2	1
UNB	Glauber Rocha	8	2
	Ismail Xavier	5	2
	Jean-Claude Bernardet	2	1

Fonte: Elaborada pelo autor com dados coletados na pesquisa.

Na TAB. 4 são apresentados os autores com mais obras citadas – por exemplo: Fernão Ramos teve cinco obras referenciadas em três trabalhos na UFMG, contando reincidência de uma mesma obra em trabalhos diferentes. O que essa tabela aparenta ilustrar, mesmo na sua pequena amostragem, é o “alto volume” de quatro vezes da história do CN: Ismail Xavier e Glauber Rocha, com quinze referências no total, Jean-Claude Bernardet com sete e Fernão Ramos com cinco. O dado que mais salta aos olhos nesta tabela é o fato de que recorrer às obras de Bernardet, Ramos, Rocha e Xavier corresponde a 85% das ocorrências bibliográficas com mais de uma ocorrência nos trabalhos.

⁷ Por ocorrência entende-se a referência a determinada obra de uma dada autoria. Dados apresentados pelo corte de no mínimo de duas ocorrências.

TABELA 5
Obras mais citadas

Universidade	Obras	Ocorrência
UFMG	Alegorias do subdesenvolvimento (XAVIER, 1993)	3
	Cinema brasileiro moderno (XAVIER, 2006)	2
	Cinema Mariginal 1968/1973 (RAMOS, 1978)	2
	Cinema: trajetória no subdesenvolvimento (GOMES, 1996)	2
	História do cinema brasileiro (RAMOS, 1987)	2
	O voo dos anjos (BERNARDET, 1990)	2
	Revolução do Cinema Novo (ROCHA, 1981)	2
	Sertão mar (XAVIER, 1983)	2
	Uma estética da fome (ROCHA, 1965)	2
	Vanguardas latino-americanas (SCHWARTZ, 1995)	2
UNB	Sertão mar (XAVIER, 2007, 1983)	2
	Revolução do Cinema Novo (ROCHA, 2004, 1981)	2
	Revisão crítica do cinema brasileiro (ROCHA, 2003)	2
	Cartas ao mundo (ROCHA, 1997)	2
	Glauber Rocha, esse vulcão (GOMES, 1997)	2

Fonte: Elaborada pelo autor com dados coletados na pesquisa.

Nesta última tabela, há mais clareza para o que foi entendido na tabela anterior. Com ela é possível perceber o alto impacto dos trabalhos de Xavier, Rocha e Ramos. Por meio desses dados também é possível hipotetizar a existência de uma dependência de determinado grupo de fontes históricas para referenciar e atualizar as problematizações encontradas no CN.

Conclusão

Neste estudo, buscou-se refletir sobre algumas das inferências possíveis ao se atravessar um panorama da pesquisa em história do CN com uma reflexão sobre a possibilidade de uma tradição discursiva e seu contraponto na voz de Derrida. Para tanto, foi central o entendimento de que os estudos da cultura desvelam códigos e estruturas de produção de sentido e que essas questões desveladas também são inerentes à análise do discurso historiográfico. A compreensão dessas questões ajudou a compreender a ontologia de um discurso hegemônico. Embora Derrida (1998) deixe clara a impossibilidade de uma estrutura central cujo sentido emanado seja perene, os Estudos Culturais assinalam na direção de que, mesmo não sendo possível um Sentido perene, há um Sentido que opera mediante um efeito e processo de hegemonia.

A leitura dos dados coletados e o agrupamento das vozes de maior ocorrência em um “uníssono” de hegemonia discursiva retoma uma questão central que se tentou trabalhar neste estudo: sempre ressaltando o tamanho da amostragem, e, mesmo na sua condição material em relação a um todo que se sabe que é muito maior, pode-se perceber uma tendência a se circunscreverem as demandas de “falas históricas” do CN em um grupo muito pequeno de autores: Ismail Xavier, Glauber Rocha, Jean-Claude Bernardet, Fernão Ramos. Esses nomes produzem um conhecimento importantíssimo sobre a cultura brasileira. Não se está aqui criticando suas contribuições, mas tentando construir uma reflexão sobre a própria condição histórica do cinema brasileiro. Retomando Derrida, talvez seja salutar olhar com *qualquer* grau de ceticismo condições ou inferências da totalidade daquilo que foi o CN enquanto centralizadas somente na perspectiva desses autores. Eles versam sobre muitos temas no CN, falam sobre muitos críticos, autores e contextualizações sociais e políticas da época, mas a própria condição de Sujeito e agente histórico desses elementos acaba virando Objeto na fala dos autores e, dessa maneira, coloca em ação um processo que tem como característica o apagamento do refinamento do relevo histórico, uma vez que ele se limita ao processo de determinada hegemonia discursiva.

Se o CN for entendido como uma “resposta” a um contexto social e político prévio, pela voz de Glauber Rocha ele foi consolidado pela hegemonia de uma reflexão sociológica, tanto de reflexo crítico quanto na própria produção filmica. Essa hegemonia sociológica é sensível nos dados coletados, e uma das coisas notadas que ela traz é um “sentimento” de apagamento de outras questões tratadas pelo CN, como as comédias e os dramas humanistas urbanos que não exploraram o conflito do homem com o sertão ou com a fé, mas consigo mesmo.

A possibilidade de quebra com a tradição discursiva permanece latente nos textos das vozes hegemônicas, demandando, assim, um estudo futuro de ordem qualitativa, num esforço capaz de mapear as categorizações discursivas possíveis que fogem ao grande grupo das preocupações sociológicas e, marcando sua diferença, organizam-se de maneira humanista e voltam do sertão para a cidade.

Reflections on the discursive tradition in the current research and historiographical panorama of the New Cinema

Abstract

This study reflects on the discursive tradition in the historiography of the Brazilian New Cinema. The aim is to ascertain and report the considerations that arise when a theoretical reflection on the place of discursive tradition in the field of historiography is put side by side with the current panorama of New Cinema research produced by the student bodies of Postgraduate Programs at five Brazilian federal universities, based on a bibliometric quantitative analysis. The theoretical framework that guides the study includes the authors of Cultural Studies (Giddens, Hall), critical perspectives of historical discourse (Derrida, Ferro, Murphey, Iggers), and the knowledge of information science (Caregnato and Mutti, Araújo, Stumpf, and Branco, Yu, and Ding). Justification for the study was the absence of a review of data on research in New Cinema in theses and dissertations in the current state of the art. The conclusion points to a reference hegemony and a discursive tradition on the subject. This statement is organized around four authors, referenced a much higher proportion than other historiographical sources.

Keywords: *Historiography. Brazilian New Cinema. Existentialism. Discursive Tradition.*

Referências

ARAÚJO, Gabriela Klemberg. *Revista Em Questão: características, perfil e tendências da autoria*. 2011. 87 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/.../000819880.pdf?...1>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristen. *Film history: an introduction*. New York, McGraw-Hill Higher Education, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Documento de área 2013: avaliação da área de ciências sociais aplicadas I*. 2013. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Ciencias_Sociais_Aplicadas_doc_area_e_comissão.pdf>. Acesso em: 20 maio 2015.

CAREGNATO, Rita C. A.; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *vs.* análise de conteúdo. *Texto Contexto: enfermagem*, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006.

DERRIDA, Jacques. Estrutura, signo e jogo no discurso das ciências humanas. In: _____. *A escritura e a diferença*. São Paulo, SP: Perspectiva, 1998.

EGÉA-KEUHNE, Denise. Right to humanities: of faith and the new humanities. In: TRIFONAS, Peter; PETERS, Michael (Org.). *Deconstructing Derrida*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. In: HOHFELDT, Antonio; FRANÇA, Vera; MARTINO, Luiz C. (Org.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 151–170.

FERRO, Marc. *Use and abuse of history or how the past is taught*. New York, NY, EUA: Rosemont Publishing, [1984].

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo, SP: Unesp, 1990.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: DPoA, 2006.

HALL, Stuart; MAHARAJ, Sarat. Modernity and difference: annotations n. 6. Londres: Institute of International Visual Arts (Iniva), 1999.

IGGERS, Georg; WANG, Q. Edward; MUKHERJEE, Supriya. *A global history of modern historiography*. 2. ed. Londres, RU: Routledge, 2013.

MACIAS-CHAPULA, Cesar. O papel da infometria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 27, n. 2, p. 134–140, maio/ago. 1998. Disponível em: <www.tce.sc.gov.br/files/file/biblioteca/o_papel_da_infometria.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2015.

MURPHEY, Murray. Realism about the past. In: TUCKER, Aviezer (Org.). *A companion to the philosophy of history and historiography*. Londres, RU: Blackwell, 2009.

NOWELL-SMITH, Geoffrey. General introduction. In: _____ (Org.). *The Oxford history of world cinema*. Oxford, RU: Oxford University Press, 1997.

O'BRIEN, Patrick. Historiographical traditions and modern imperatives for the restoration of global history. *Journal of Global History*, Londres, v. 1, n. 1, p. 3–39, 2006. Disponível em: <journals.cambridge.org/article_S1740022806000027>. Acesso em: 16 abr. 2015.

PATAUT, Fabrice. The anti-realism about the past. In: TUCKER, Aviezer (Org.). *A companion to the philosophy of history and historiography*. Londres, RU: Blackwell, 2009.

SILVA, Alexandre Rocha da; PELLENZ, Vinícius da Silva. Três durações: Nelson, Glauber e Bressane. *Ciberlegenda*, Niterói, v. 9, n. 18, 2007. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ciberlegendajulhoartigoalexandreecinicius.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

STUMPF, Ida R. C.; BRANCO, Zuleika de Souza. Análise de citações dos artigos da Intercom. *Informação e Informação*, Londrina, v. 15, p. 93–109, 2010. Número Especial. Disponível em: <www.brapi.uffpr.br/download.php?dd=14084>. Acesso em: 1º maio 2015.

TARGINO, Maria Das Graças. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. *Informação e Sociedade: estudos*, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 37–85, 2000.

VANTI, Nadia A. P. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 152–162, 2002.

YU, Qi; DING, Ying. Tracing database usage: detecting main paths in database link networks. *Journal of Infometrics*, v. 9, n. 1, 2014. Disponível em: <www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1751157714000947>. Acesso em: 1º maio 2015.

Enviado em 13 de setembro de 2015.

Aceito em 20 de novembro de 2015.

